

• ENTREVISTA

Impactos na vida trabalhadores sobreviventes da tragédia-crime da Vale em Brumadinho é tema de pesquisa da UFMG

PAG
3 a 5**• MATÉRIA**

Pós-covid e a volta ao trabalho

PAG
6**• CULTURA**

Revolução pelo afeto - Nise da Silveira

PAG
6**• RESENHA**

Trabalho Contemporâneo em Análise

PAG
7**• EDITORIAL**

Rompimento de barragem de rejeitos de Fundão da Samarco Mineradora S.A., Vale e a BHP Billinton: o que apreendemos?

Marta de Freitas

Considerado como um dos setores básicos da economia nacional, o governo federal e o congresso nacional vêm tratando com prioridade máxima diversos projetos de lei que beneficiam as atividades de mineração, a exemplo do PL 191/2020 que legaliza a mineração em terras indígenas.

Muitos querem saber se as alterações propostas pelo executivo e legislativo para as atividades de mineração foram baseadas em mudanças positivas nas legislações de segurança e licenciamento ambiental de barragens ou se são em decorrência da aplicação de novos padrões e técnicas de segurança adotadas pelos setor mineral após o acidente de trabalho ampliado ocorrido em 05 de novembro de 2015 na barragem de Fundão da Samarco Mineradora S.A., Vale e a BHP Billinton, em Mariana.

Esses questionamentos sobre quais as lições aprendidas com o rompimento da barragem de Fundão na mina da Samarco continuam durante os mais de 6 anos desse acidente de trabalho ampliado que causou a morte de 19 pessoas, tirou o direito de um

bebê nascer, feriu 256 pessoas e deixou milhares de trabalhadoras e trabalhadores ao longo da Bacia do Rio Doce sem trabalho.

Apesar de nem sempre as perguntas terem respostas, as reações contra as mudanças de leis e normas e de realizações de acordos entre poder público e mineradoras sem participação dos atingidos pelo mar de lama demonstram que ocorreu um salto de conhecimento e que a sociedade brasileira, após o rompimento da barragem de rejeitos de Fundão da Samarco Mineradora S.A., Vale e a BHP Billinton, sabe mais sobre mineração e barragens.

Como primeira lição aprenderam que mineração é um dos locais mais perigosos no mundo para se trabalhar e que rompimento de barragem, em especial as construídas com método de alteamento a montante, sempre matou rios, peixes e gente. Ficaram sabendo que mineração é uma atividade muito lucrativa para poucos e espantaram com o faturamento de R\$ 339 bilhões do setor de mineração em 2021.

Mas a maior lição de que a vida das pessoas não vale nada e o que importa, para a maioria das mineradoras, são os lucros, aconteceu em 25 de janeiro de 2019, quando a barragem de rejeito B1 da Mina do Córrego de Feijão da Vale, em Brumadinho, rompeu e soterrou 272 pessoas das quais 248 eram trabalhadores que estavam trabalhando na mina.

Descobriram também que a Vale não aprendeu a lição, uma vez que mesmo depois do ocorrido na mina da Samarco, em Mariana, e mesmo tendo conhecimento da instabilidade da B1, optou por manter os empregados diretos e terceirizados trabalhando no centro administrativo, pátio de carregamento de minério e nas oficinas e o refeitório em funcionamento a menos de um quilometro de uma barragem com risco iminente de rompimento.

Mas ainda há muito a ser aprendido, pois apesar do muito que foi feito existem novos Brumadinhos e Marianas espalhados pelo Brasil, como a barragem de rejeitos Mirim da mina Salobo da Vale, que mantinha quase 2 mil trabalhadores laborando abaixo da barragem até Ministério Público do Trabalho entrar com uma Ação Civil Pública na Justiça.

Nem todas lições são negativas. A visibilidade das lutas dos movimentos sociais, sindicais e ambientais, muito dos quais formados pelos atingidos e impactados pela mineração,

foram e continuam sendo muito importantes. A solidariedade dos movimentos deu voz aos atingidos e impactados e propiciou as denúncias sobre os desmandos das empresas mineradoras e cobrança de um novo modelo de mineração.

Graças às ações desses movimentos populares foi construído e aprovado, em Minas Gerais, a Lei 23.291/2019, a Lei Mar de Lama Nunca Mais que não só criou dispositivos fundamentais como o não licenciamento de barragens a montante e exigiu mais rigor para o descomissionamento de barragens, como também influenciou a criação de uma lei federal sobre o assunto, a Lei 14.066/2020

Ainda há muito para aprender para que a mineração não seja um local permanente de morte anunciada e, ao invés de mudanças que só beneficiam as atividades mineradoras, outros conhecimentos precisam ser apropriados e ou aplicados.

A aplicação efetiva das legislações, como a Lei Mar de Lama Nunca Mais, Lei de Segurança de Barragens e da Norma Regulamentadora 22 de Segurança e Saúde Ocupacional na Mineração, bem como a garantia dos direitos humanos e sociais dos trabalhadores e população nos territórios minerados é a lição mais urgente a ser cumprida pelo setor mineral.

BARRAGENS

AUTOR: LOR



A partir deste número o boletim do OSAT passa a contar com a honrosa colaboração de um dos maiores chargistas brasileiros o Prof Luiz Otávio Rodrigues, o nosso querido Lor. Lor é professor aposentado da UFMG e voluntário no Centro de Referência em Fibromatose do Hospital das Clínicas da UFMG. Tem um histórico memorável na defesa dos direitos humanos e do SUS que nos são apresentados em seus textos e charges. Fica aqui o nosso profundo agradecimento por mais esta colaboração solidária e voluntária do Lor!

“IMPACTOS NA VIDA DOS TRABALHADORES SOBREVIVENTES DA TRAGÉDIA-CRIME DA VALE EM BRUMADINHO É TEMA DE PESQUISA DA UFMG”



NAIANA ANDRADE

Desde que a barragem da Mina do Córrego do Feijão se rompeu, em 25 de janeiro de 2019, a vida de milhares de pessoas mudou completamente. Para os familiares que perderam parentes em um dos maiores “acidentes” de trabalho ampliado do país, o luto é um sofrimento constante. Uma das maiores angústias para essas pessoas é ter que lidar com a tristeza de terem sido privadas da despedida de seus entes queridos. A maior parte dos 270 mortos saiu de casa para trabalhar e nunca mais voltou.

Três anos depois que a avalanche de rejeitos de minério de ferro devastou tudo pela frente, na área da mina do Córrego do Feijão, Parque da Cachoeira e Jangada, seis pessoas ainda não foram encontradas. E aqueles que estavam no local e escaparam da morte por um triz também convivem, hoje, com a dor da perda de amigos e parentes e diversos outros impactos na esfera trabalhista. Isso demonstra que os efeitos dessa tragédia-crime perpassam o tempo e o território da mineradora Vale, em Brumadinho. Atenta a esse olhar sobre como está a saúde e a vida social dos sobreviventes, funcionários da Vale e de empresas terceirizadas, que a jornalista Naiana Andrade

se debruçou em um estudo para dissertação de mestrado com a orientação do professor Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro coordenador do Observatório de Saúde do Trabalhador de Belo Horizonte (OSAT-BH) da Faculdade de Medicina da UFMG.

Convidamos a mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG, Naiana Andrade, para relatar como foi realizado o estudo e suas constatações.

Osat: O que a motivou escolher esse tema para o estudo?

Como jornalista de uma emissora de televisão na época em que a barragem se rompeu percebi que aquele acontecimento, que hoje sabemos que foi um crime cometido pela mineradora Vale, mudaria a minha vida de alguma forma. A rotina da redação na cobertura dos fatos, das histórias e das investigações policiais fizeram com que cada vez mais eu buscasse ver essa tragédia-crime de um ângulo diferente. Na época, eu trabalhava como editora do jornal Bom dia Brasil, na Rede Globo Minas, e na orientação de repórteres que entravam ao vivo em rede nacional para levar aos telespectadores informações sobre o que acontecia em Brumadinho pós tragédia-crime. Foram meses intensos de muito trabalho para todos os jornalistas da redação. Dias extremamente tensos porque havia um desgaste emocional para lidar com essa cobertura tão impactante e sensível.

À medida que o tempo foi passando, o assunto foi perdendo projeção entre as pautas e a rotina jornalística, mas eu acreditava que era preciso mais. E após ter feito uma série especial sobre os seis meses após esse “acidente” de trabalho ampliado tive a oportunidade de conhecer pessoalmente um grande número de parentes das vítimas. Ouvi histórias de mães e pais que perderam seus filhos, irmãs que perderam irmãos ou irmãs, a situação das viúvas e dos órfãos. Percebi que havia, no entanto, um grupo de pessoas extremamente atingidas mas que não ganhava devido espaço midiático: os sobreviventes.

Foi pensando em entender o que se passava na mente dessas pessoas na hora de escapar da morte e os impactos de tudo que viram e sentiram que achei que, mais do que uma reportagem jornalística, a situação vivenciada por eles necessitaria de um estudo mais aprofundado sobre a atual situação da vida social e da saúde mental dessas pessoas. Na minha forma de enxergar, essas pessoas também precisavam ser vistas e ouvidas e acabei descobrindo, na prática, que de fato eles têm muito a dizer.

Osat: Quais foram as estratégias para se realizar entrevistas com trabalhadores sobreviventes da Vale e de empresas terceirizadas? E qual a metodologia seguida?

A estratégia para buscar informações para o estudo qualitativo envolveu técnicas de jornalismo investigativo, que é do meu campo de atuação. De um conjunto de 64 trabalhadores sobreviventes, da lista oficial do Ministério do Trabalho, foram entrevistados 10 trabalhadores, sendo cinco que estavam empregados na Vale no momento do rompimento da barragem e cinco de empresas terceirizadas que também estavam presentes no mesmo local e região atingida. O recorte amostral se deu de forma aleatória e as entrevistas pararam de prosseguir quando os entrevistados passaram a relatar as mesmas situações, não havendo novidade, o que é conhecido na pesquisa científica como método de saturação teórica, que é um critério determinante para interrupção da coleta de dados e definição do tamanho da amostra.

As entrevistas foram realizadas por telefone, em novembro de 2022 após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, que entre outras questões exigiu que as entrevistas fossem realizadas por telefone devido a necessidade de isolamento social provocado pela pandemia do COVID-19. A identidade de cada um dos trabalhadores sobreviventes que colaboraram voluntariamente para o estudo estão em sigilo e assim foi acordado com cada um deles. Após a coleta das informações obtidas com as entrevistas houve um processo de análise das mesmas e a categorização dos fragmentos das narrativas que se repetiam em diferentes categorias, totalizando nove.

Osat: De acordo com a sua pesquisa, de que forma o rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho, ainda afeta a vida dos trabalhadores sobreviventes?

Logo nas primeiras entrevistas que fiz para extrair as narrativas desses trabalhadores percebi que muitos deles já sabiam que estavam sofrendo impactos emocionais provocados pela tragédia-crime.

Eles se sentiam revoltados e frustrados por terem confiado na empresa, que colocou o lucro acima de qualquer coisa, ou seja, da vida daqueles que vestiam a camisa da mineradora ou de empresas terceirizadas.

Os trabalhadores entrevistados relataram que, no início, viveram o luto pela perda de amigos e parentes e um dos principais impactos (e isso foi uma fala recorrente) foi o medo de qualquer barulho intenso. Para eles, era como se estivessem revivendo aquela cena da fuga da mancha de lama. Com o tempo, vários conseguiram superar essa situação com ajuda especializada de profissionais da saúde como psicólogos ou psiquiatras. No entanto, a maior parte das pessoas com quem falei para o estudo relatou que não deu sequência ao tratamento ou que buscou na religiosidade esse apoio para superar o trauma. Com essa evasão do tratamento em saúde mental, muitos deixaram de ser medicados e relataram que, atualmente, convivem com sensações frequentes de angústia, insônia e possíveis quadros de depressão.

Sobre a vida social deles, pude perceber que muitos optaram por não mais trabalharem na Vale ou empresas terceirizadas que prestam serviço para mineração ou qualquer atividade do ramo. Muitos buscaram outras profissões e os que se mantiveram no setor minerário justificaram a permanência pela necessidade de trabalhar para sustentar a família porque já não sentiam mais forças para buscar outras ocupações além daquela que já tinham domínio e que, em geral, são mais específicas da mineração como o cargo de operador de retroescavadeira, por exemplo.

Alguns trabalhadores que se mantiveram na Vale contaram que se sentem discriminados pela empresa, pois são colocados de lado e quase todos remanejados para funções que não eram as que eles exerciam antes. Isso, segundo eles, é porque as empresas tanto a Vale como as terceirizadas não tinham mais confiança em entregar para um trabalhador máquinas de alto custo e alta periculosidade presumindo que ao operarem o equipamento eles pudessem ter dificuldades para realizar a função devido ao trauma pelo qual foram expostos. Além disso, para eles, o olhar dos moradores, que em grande parte perdeu parentes na tragédia-crime, é de desprezo por eles seguirem trabalhando na empresa que matou tantas pessoas.

Outros trabalhadores contaram que tiveram que lidar com o preconceito em processos seletivos para trabalhar em mineradoras, um fenômeno descrito na medicina jurídica como psicofobia, (que é o preconceito por parte de empresas em não contratarem pessoas que tenham ou que se imagina ter algum transtorno mental, no caso dos sobreviventes

seria um distúrbio pós-traumático). Vale ressaltar que a prática da psicofobia é considerada crime no Brasil.

No estudo, constatei que o rompimento da barragem ainda afeta esses sobreviventes, ao meu ver, porque muitos deles vivem o luto e precisam lidar quase que diariamente com questões como busca pelos direitos indenizatórios e a angústia de ainda não ver nenhum responsável preso. Enfim, eles se sentem atingidos porque precisam lidar com as sensações de impotência, de injustiça e de incerteza, especialmente nesse momento em que a Vale e as terceirizadas podem demitir os sobreviventes com o fim do acordo que lhes garantia a estabilidade empregatícia por três anos. Esse prazo terminou em 25 de janeiro deste ano e vários trabalhadores já começaram a ser demitidos das empresas.

Osat: O que mais lhe chamou a atenção nos depoimentos dos sobreviventes?

A relação entre o fato de terem sobrevivido e a religiosidade. Isso foi praticamente uma unanimidade na fala de todos. Para eles, só sobreviveram ao acidente de trabalho ampliado por uma força maior, pela fé em Deus, porque não era o momento ou por um livramento. E diante dessa fala, também de forma reiterada eles disseram que não se sentem de forma alguma mais merecedores ou especiais do que aqueles que morreram. A Questão da sobrevivência estaria, de alguma forma, relacionada a algum desígnio divino que os poupou por algum motivo que não conseguem explicar

Osat: O rompimento da barragem afetou o relacionamento dos trabalhadores da Vale e terceirizados com a mineradora?

Para a maior parte dos trabalhadores tanto da Vale quanto terceirizadas, a percepção que passaram a ter da mineradora se modificou. Tanto os trabalhadores que ainda estavam na empresa quando os entrevistei quanto os que eram terceirizados relataram ter perdido a confiança na empresa. Muitos disseram que essa falta de confiança tem uma explicação que é o fato de existirem pessoas dentro da Vale que sabiam que a mineradora tinha conhecimento do risco de rompimento da estrutura e mesmo assim não agiram para salvar vidas. Dessa forma, segundo eles, como confiar na empresa que diz uma coisa e na prática faz outra?

Osat: O que você acha que precisaria ser feito de imediato, agora, passados 3 anos desse grave “acidente” de trabalho ampliado para acolher esses sobreviventes de forma a suprir as necessidades deles?

Acredito, e isso foi inclusive um dos pontos da dissertação, que é preciso urgentemente de uma atenção psicológica e psiquiátrica para trabalhar questões pós-tragédia que ainda não foram bem solucionadas, especialmente porque partiu dos próprios trabalhadores essa desistência de seguir com os atendimentos. E essa evasão, segundo eles, se deu porque inicialmente os primeiros profissionais da saúde que acolheram tanto alguns dos trabalhadores sobreviventes quanto parentes de vítimas que morreram foram contratados pela mineradora. E, diante disso, muitos não se sentiam à vontade, de acordo com que me disseram, para se expressar porque temiam que o que seria dito no consultório chegaria à Vale de alguma forma. Essa desconfiança foi o primeiro sinal que, ao meu ver, contribuiu para a evasão ao atendimento de saúde mental.

Após a defesa da dissertação tive a oportunidade de conversar com responsáveis pela saúde mental da Secretaria de Saúde de Brumadinho e eles me asseguraram que estão cientes dessa situação e foram criados novos serviços; houve a contratação de novos profissionais para que o atendimento fosse ampliado a rede de saúde pública de toda a região. Esses profissionais da saúde mental me disseram, também, que estão preparados e de prontidão para o atendimento, uma vez que entendem que a tragédia não terminou e que ela se tornou uma tragédia familiar, pessoal que está em andamento e não restrita ao acontecimento em si. Ainda segundo a Secretaria de Saúde de Brumadinho, a cada dia surgem novos casos de pessoas que buscam ajuda para superar o luto e o estresse provocado pela corrida para escapar da morte. A estimativa, inclusive, é que os impactos dessa tragédia-crime provocada pela Vale, para os profissionais da saúde pública local, ainda tenha efeitos por no mínimo mais 10 anos.

Outro ponto que acredito ser urgente, também, é a criação de políticas públicas para dar condições aos trabalhadores sobreviventes para que possam se reinserir no mercado de trabalho, inclusive em outras áreas não ligadas à mineração. Creio que deveria haver algum trabalho assistencial para proporcionar a essas pessoas capacitações ou qualificações, em especial para aquelas que estão em busca de novas oportunidades de emprego.

PÓS-COVID E A VOLTA AO TRABALHO



JULIANA DIAS

A COVID em sua forma aguda tem sido preocupação frequente de trabalhadores e profissionais de saúde no mundo todo desde 2020. Desde então, a Saúde do Trabalhador também está atenta à COVID Crônica ou COVID Longa e suas repercussões no ambiente de trabalho.

A Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte (SMSA/PBH) publicou em dezembro de 2021 um Guia Orientador para Manejo pós-COVID-19. Para efeitos deste documento e considerando os critérios mais frequentemente usados internacionalmente até o momento, a COVID-19 crônica ou COVID-19 longa é diagnosticada quando as manifestações que se prolongam para além de 12 semanas e que não podem ser atribuídas a outras patologias.

Nada menos do que 66 profissionais de saúde da rede SUS-BH – entre eles, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e outros – desenvolveram o Guia que apresenta recomendações para o cuidado daqueles que, após a infecção aguda, demandam continuidade de cuidados, devido a sintomas persistentes e repercussão funcional.

Um dos capítulos do Guia traz a contribuição de como cuidar do retorno do trabalhador que permanece com sequelas da doença mesmo após o quadro agudo de até quatro semanas, sejam as consequências visíveis ou invisíveis. Compreender as possíveis repercussões a médio e longo prazo desta infecção é o primeiro passo para garantir a reintegração humanizada e segura das pessoas no seus processos de trabalho.

Ao avaliar a capacidade de retorno ao trabalho, é necessário observar tanto o estado de saúde do trabalhador, considerando suas suas limitações, histórico clínico e prognóstico quanto à ocupação do sujeito, processo e ambiente de trabalho. Ressalta-se que o indivíduo não precisa estar 100% recuperado para retomar atividades laborais, caso ele tenha o suporte necessário para ajustes temporários adequados à sua limitação funcional.

É possível fazer adaptações ocupacionais para viabilizar um retorno seguro, como flexibilidade de horários e modificação no processo de trabalho. Outra alternativa que tem sido usada em alguns ramos de atividade tem sido a incorporação do teletrabalho. Essa realidade exige dos empregadores compreensão ampliada de saúde e condições de trabalho.

O acesso a esse material está disponível por meio do Portal PBH coronavírus

prefeitura.pbh.gov.br/saude/coronavirus

no item “Guias, Manuais e Protocolos Técnicos para COVID”.

• CULTURA

Nise da Silveira - Revolução pelo afeto

Você já visitou uma exposição virtual de arte?

Para quem tem dificuldade para se deslocar até um museu ou galeria, atualmente, temos uma excelente alternativa: as exposições virtuais.

O Centro Cultural Banco do Brasil tem oferecido essa possibilidade. Pelo site, a pessoa tem a oportunidade de passear pelos corredores, ver, ouvir e se encantar com as obras das exposições disponibilizadas nas diferentes unidades do Brasil.

Conheça a história e as obras dos pacientes da revolucionária Nise da Silveira. Médica formada, enquanto única mulher em uma turma com mais de 150 homens, tem sua vida homenageada pelo CCBB.

<https://www.nisenocbb.com.br/home-bh/>

LIVRO - TRABALHO CONTEMPORÂNEO EM ANÁLISE.

Organizadoras: Patrícia Pinto de Paula, Terezinha Maria Araújo, Crisane Costa Rossetti. Editora CRV, Curitiba, 2021. José

José Newton Araújo

Em tempos de incertezas para entendermos o mundo do trabalho, configurado por um trágico panorama de desigualdades, injustiças, adoecimento e morte, este livro traz investigações de um grupo de pesquisadores da psicologia e de outras áreas das ciências humanas. As transformações operadas pelas novas tecnologias de informação têm submetido os sistemas de produção e as demais instâncias da atividade humana ao risco das patologias sociais da urgência, hoje capitaneadas por plataformas digitais, sob a invisibilidade perversa dos algoritmos, na chamada revolução 4.0. O sistema neoliberal predador, gerando permanentes crises políticas, econômicas, ecológicas e éticas, leva ao paroxismo a exploração de milhões de trabalhadores, mundo afora.

No Brasil, legiões de desempregados apelam para os aplicativos ou outros “bicos”, a fim de auferir uma parcela ou a totalidade de suas rendas, num contexto de perda dos direitos trabalhistas, suportando as mais degradantes condições de trabalho. Não bastasse essa espécie de retorno ao quadro de pauperismo do capitalismo nascente do século XVIII, as tragédias da pandemia da covid-19 agravaram ainda mais a vulnerabilidade das classes trabalhadoras. O mercado formal do trabalho, vigente no Estado de Bem-Estar Social, tende a desaparecer, de modo que o “normal” seria a precarização dos direitos trabalhistas, que atinge tanto o proletário quanto o trabalhador altamente escolarizado.

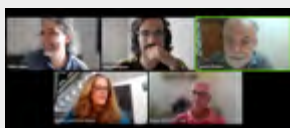
Neste livro, os autores discutem as atuais mazelas do mundo do trabalho, no contexto da cartilha neoliberal e de sua necropolítica. Alguns capítulos se consagram a temas pontuais, ligados a categorias específicas de trabalhadores, na área da educação, da mineração, do setor bancário, além de uma pesquisa em que a escravidão, no Brasil, é analisada na ótica da produção literária de escritores negros.

O livro aborda ainda o fenômeno da resistência ao sofrimento no trabalho, discutindo a emergência da solidariedade e as possibilidades do poder criativo do trabalhador, o que remete à transformação das situações de trabalho, no sentido da saúde ou da realização das potencialidades humanas. Os textos abrangem diferentes campos do saber, baseados na perspectiva teórica das chamadas clínicas do trabalho, disciplinas oriundas de autores francofônicos, já amplamente divulgadas no Brasil, nas últimas décadas.

Em formato impresso e em e-Book, o livro se volta, no fim de contas, para o sentido humano do trabalho, que perpassa todas as instâncias de nossas vidas, fundadas no conceito maior de atividade, esta que define o fazer humano.

• NOTAS

Ao longo do ano de 2021 o OSAT produziu rico repertório de lives, sobre 10 temas:



02/12/2021 - O trabalho ocultado na exposição a cancerígenos no Brasil

Prof.a Fátima Sueli Neto Ribeiro

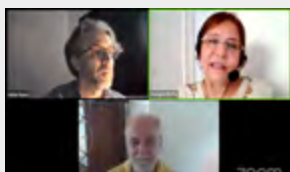
www.youtube.com/watch?v=I86BgMyhUpw



04/11/2021 - Exposição ao amianto na indústria de fibrocimento: o caso de Pedro Leopoldo/MG

Prof.a Andréa Maria Silveira

www.youtube.com/watch?v=JvdMhOF033M



30/09/2021 - Saúde Psiquiátrica e trabalho: O caso do rompimento da barragem de Fundão em Mariana/MG - Psic. Georgina Maria Veras Motta

Psic. Georgina Maria Veras Motta

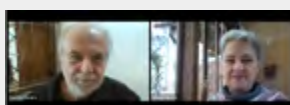
www.youtube.com/watch?v=xeiHcv4lcGk&t=3948s



26/08/2021 - Mudanças nas normas regulamentadoras e no trabalho

Eng. Luiz Alfredo Scienza

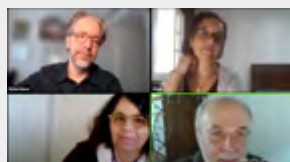
www.youtube.com/watch?v=w7LGI_Jpf6o&t=76s



29/07/2021 - Produção, colapso socioambiental e alternativas sistêmicas

Prof.a Raquel Maria Rigotto

www.youtube.com/watch?v=ek-5HA0Hhh0&t=9s



24/06/2021 - Saúde Mental do Trabalhador e da Trabalhadora em tempos de pandemia

Prof. Helian Nunes de Oliveira

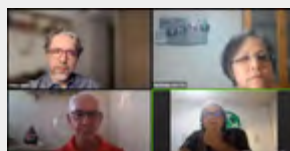
www.youtube.com/watch?v=A4sbyRSJGRg



27/05/2021 - Acidentes de trabalho ampliados: questões organizacionais ou sistêmicas

Eng. Eugênio Paceli Hatem Diniz

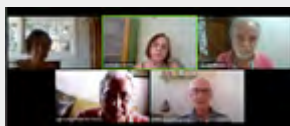
www.youtube.com/watch?v=B4mCXRuiMF4



29/04/2021 - Movimentos Sindicais e saúde do trabalhador

Eng.a Marta de Freitas

www.youtube.com/watch?v=HrgnNgpWwol



25/03/2021 - Vigilância em saúde do trabalhador no SUS: realidade e utopia

Prof. Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

www.youtube.com/watch?v=AAbFZ5WIqtw



25/02/2021 - A saúde do trabalhador no SUS: desafios e perspectivas

Prof.a Elizabeth Costa Dias

www.youtube.com/watch?v=htQyolsXkYo&t=2s

Expediente

Observatório de Saúde do Trabalhador de Belo Horizonte (Osat-BH)

Coordenador: Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro

Organizadores: Faculdade de Medicina da UFMG e Prefeitura de Belo Horizonte

Instituições parceiras: Ministério do Trabalho (Fundacentro/MG e Superintendência Regional do Trabalho e Emprego/MG), Universidade Federal de Viçosa, Secretaria de Saúde de Minas Gerais, Fórum Intersindical de Saúde do Trabalhador

Charge: LOR

Editorial: Marta de Freitas

Resenha: José Newton Araújo

Edição: Vítor Fortunato

Diagramação: Rafael Keven

Boletim de circulação online: <http://site.medicina.ufmg.br/osat/>

Contato: osatbh2019@gmail.com

É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.



Entre no site e fique por dentro do que acontece no OSAT:

www.site.medicina.ufmg.br/osat

